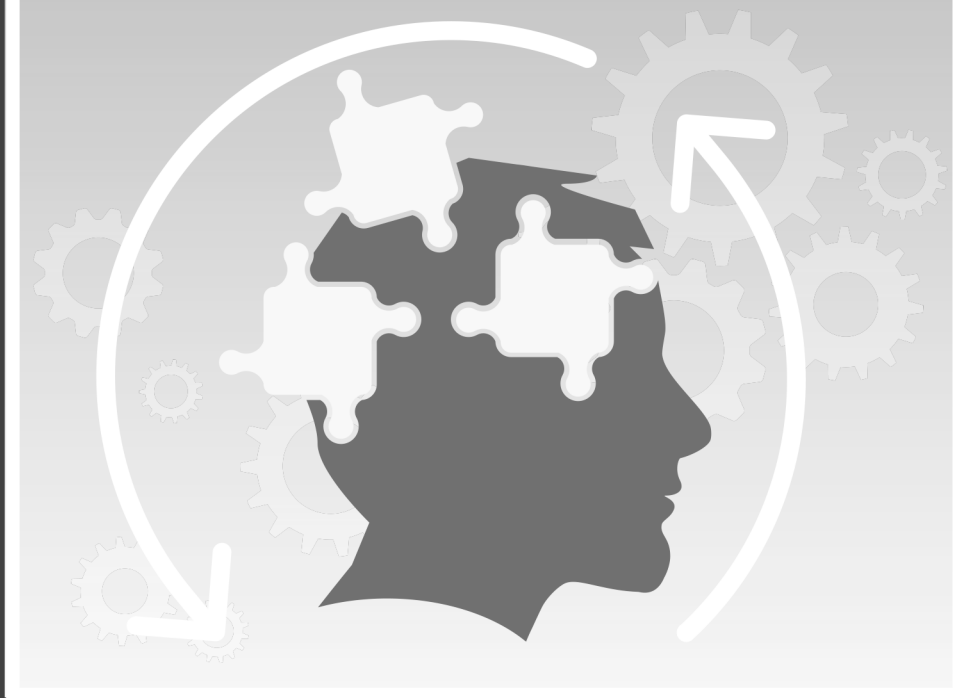


Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020



Letras e Linguística:
Estrutura e
Funcionamento 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)


Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-449-8

DOI 10.22533/at.ed.498200610

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGUÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse segundo volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam linguística e discurso; novas tecnologias; ensino de língua inglesa; LIBRAS e realidade surda.

Linguística e discurso traz análises relevantes como movimentos parafrásticos e polissêmicos, pronomes, gênero textual, ensino de gramática e discursos, seja o religioso, o médico ou o jurídico.

Em novas tecnologias são verificadas contribuições que versam sobre representações, argumentação em blogs, ambientes virtuais de aprendizagem e ensino médio presencial mediado por tecnologias.

Em ensino de língua inglesa são encontradas questões relativas a ludicidade, desenvolvimento e falantes nativos.

LIBRAS e realidade surda enfatiza abordagens sobre estratégias de aprendizagem de LIBRAS como segunda língua e atendimentos realizados para surdos na fonoaudiologia, precisamente na Clínica de Fonoaudiologia da UNICAP, Pernambuco.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MOVIMENTOS PARAFRÁSTICOS E POLISSÊMICOS NA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE SUJEITO E IDENTIDADE	
Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé	
Janete Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4982006101	
CAPÍTULO 2	10
O EMPREGO DO PRONOME OBLÍQUO ÁTONO PROCLÍTICO À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
Gisele Manhães do Couto	
Eliana Crispim F. Luquetti	
DOI 10.22533/at.ed.4982006102	
CAPÍTULO 3	24
A REPRESENTATIVIDADE DO GÊNERO TEXTUAL CAUSO GAUCHESCO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD	
Silvio Luis Sobral de Oliveira	
Mateus da Rosa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.4982006103	
CAPÍTULO 4	31
A CONTRIBUIÇÃO DE BAKHTIN PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA	
Jéssica Duarte de Souza	
Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.4982006104	
CAPÍTULO 5	43
FORMAS DE LEGITIMAÇÃO DE PODER: DISCURSO E IDEOLOGIA NO DISCURSO RELIGIOSO	
Josicarla Gomes de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.4982006105	
CAPÍTULO 6	53
O DISCURSO MÉDICO E O MONSTRO: SENTIDOS DE SAÚDE E CORPO PELA CIRURGIA BARIÁTRICA	
Thaís Silva Marinheiro de Paula	
Soraya Maria Romano Pacífico	
DOI 10.22533/at.ed.4982006106	
CAPÍTULO 7	70
DISCURSO JURÍDICO CONTEMPORÂNEO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ERUDITO E O FILOSÓFICO	
Alexandre Luís Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.4982006107	

CAPÍTULO 8	83
EU VOS <i>ORDENO</i> MARIDO E MULHER! A MEMÓRIA DISCURSIVA NO DILEMA DA UNIÃO CIVIL NO ESTADO BRASILEIRO	
Everaldo dos Santos Mendes	
Marildo de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.4982006108	
CAPÍTULO 9	102
DA CONTESTAÇÃO POR DIREITOS DA MULHER NO SÉCULO XIX: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE NÍSIA FLORESTA	
Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.4982006109	
CAPÍTULO 10	111
APROPRIAÇÃO DO DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS: IMBRICAMENTO DE REPRESENTAÇÕES	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.49820061010	
CAPÍTULO 11	121
ARGUMENTAÇÃO EM BLOGS: CONTRADIÇÃO E RESISTÊNCIA NOS DISCURSOS SOBRE CELULAR NA ESCOLA	
Maria Aparecida de Souza Carvalho	
Soraya Maria Romano Pacífico	
DOI 10.22533/at.ed.49820061011	
CAPÍTULO 12	131
MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DA ERA DIGITAL	
Daniella de Almeida Santos Ferreira de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.49820061012	
CAPÍTULO 13	141
O ENSINO MÉDIO PRESENCIAL MEDIADO POR TECNOLOGIA NA ESCOLA ESTADUAL SANTA RITA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE JAPURÁ-AM	
Ricélia dos Santos Solart	
DOI 10.22533/at.ed.49820061013	
CAPÍTULO 14	159
AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA	
Amanda Stanislawski Reche	
Claudia Marchese Winfield	
DOI 10.22533/at.ed.49820061014	
CAPÍTULO 15	164
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS: VEREDAS PERCORRIDAS DA CHEGADA AO	

ENSINO SUPERIOR À IMPLEMENTAÇÃO E EXPANSÃO NO ESTADO DO PARÁ

Luciana Kinoshita

DOI 10.22533/at.ed.49820061015

CAPÍTULO 16..... 179

QUANDO A “PUREZA” DA LÍNGUA FORJA A “IMPUREZA” DOS FALANTES NÃO NATIVOS

Marildo de Oliveira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.49820061016

CAPÍTULO 17..... 191

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ADULTOS OUVINTES NO CURSO INICIANTE DE LIBRAS

Cleusa Regina Cardoso

Luiz Antônio Zancanaro Junior

DOI 10.22533/at.ed.49820061017

CAPÍTULO 18..... 204

MAPEAMENTO DOS ATENDIMENTOS REALIZADOS PARA SURDOS E SUAS ORIENTAÇÕES TEÓRICAS REALIZADOS NA CLÍNICA DE FONOAUDIOLOGIA DA UNICAP: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Mannix de Azevêdo Ferreira

Wanilda Maria Alves Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.49820061018

SOBRE O ORGANIZADOR..... 214

ÍNDICE REMISSIVO..... 215

CAPÍTULO 12

MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DA ERA DIGITAL

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/08/2020

Daniella de Almeida Santos Ferreira de Menezes

Escola de Especialistas de Aeronáutica
Guaratinguetá – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/4170694843078560>

RESUMO: Este trabalho pretende discutir e problematizar as representações de professor construídas por professores-alunos de um curso de pós-graduação lato sensu a distância em “Docência no Ensino Superior” de uma universidade brasileira em fóruns de debates em circulação na internet, em específico para este trabalho a do professor mediador. Para isso, servirão como *corpus* de análise os dizeres desses sujeitos coletados de recortes discursivos selecionados entre os comentários postados no fórum de discussão, tomados aqui como “discursos alternativos ou competidores”, já que “constroem suas próprias versões de verdade, suas próprias versões daquilo que conta, de quem está autorizado a falar” (GORE, 1994). A metodologia de pesquisa adotada é de base analítico-interpretativa, sob um viés discursivo. Um conceito utilizado na análise e desenvolvido neste trabalho é o chamado “proioncentrismo”, que expressa a idéia de que o produto ocupa a posição central nas relações humanas, visão materializada nos dizeres do fórum de discussão que serviram como *corpus* de análise, os quais,

por basearem-se na repetição, não promovem a singularidade, priorizando as representações coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Representação, sujeito-professor, educação a distância.

MODES OF SUBJECTIVATION IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENTS: THE TEACHER OF THE DIGITAL AGE

ABSTRACT: This paper proposes to discuss and question the representations of teachers built by student-teachers in discussion forums on the internet in a distance post-graduation course in further learning teaching, in a Brazilian university, in particular for this study that of the mediating professor. The corpora of our research comprise the discursive excerpts within the students of the above-mentioned course posted opinions in the virtual discussion for the same course, taken here as “alternative or competing speeches”, since “they build their own versions of truth, their own versions of what that counts, who is authorized to speak” (GORE, 1994). We adopt the analytical-interpretative methodology under a discursive bias. A concept used in the analysis and developed in this paper is the so-called “proioncentrism”, which expresses the idea that the product occupies the central position in human relations, materialized in the comments of the discussion forum that served as corpus of analysis, which, because they are based on repetition, do not promote singularity, giving priority to collective representations.

KEYWORDS: Representation, subject-teacher, distance education.

1 | INTRODUÇÃO

Tendência de muitos cursos em nível de graduação e de pós-graduação no país, a modalidade de educação a distância (EAD) tem se mostrado uma alternativa de formação acadêmica consolidada e legitimado práticas discursivas nessa situação específica de interlocução intermediada pelo computador conectado à *internet*. Nesse espaço virtual, em que o empírico e o discursivo se entrelaçam (GRIGOLETTO, 2011), constituem-se múltiplas materialidades, entre as quais os “ambientes virtuais de aprendizagem” (AVA). Assim, os discursos que circulam nos AVA – como os comentários retirados de um fórum de discussão de um curso de pós-graduação *lato sensu* a distância em “Docência no Ensino Superior” de uma universidade brasileira analisados neste artigo – também podem ser vistos como regimes de verdade e determinam, dessa forma, os modos de subjetivação, atravessados pela dimensão histórica, nessa situação específica de interlocução mediada pela *internet*, fato que explica, portanto, as transformações pelas quais passa o sujeito, e no caso deste trabalho, especificamente o sujeito-professor.

2 | O UNIVERSO SISTÊMICO DA EAD: O “PROIONCENTRISMO”

Marcadamente ideológico, posto que associa valores como independência, autonomia e autossuficiência, próprios do pensamento liberal, a práticas estritamente pedagógicas, o discurso pró-EAD produz o efeito, pela ilusão da evidência de sentido, de que o centro do ato pedagógico é o aluno, assim como o discurso capitalista cria a ilusão de que o centro do mercado de consumo é o consumidor. Ainda que o serviço oferecido pelos cursos de EAD, bem como pelos cursos em geral seja a formação intelectual e acadêmica com claros objetivos pedagógicos, não há como negar que o ramo da educação também se consagrou, nessa formação social capitalista pós-moderna, como um negócio.

Assim, como em toda relação mercadológica, que pressupõe investimentos de ambas as partes (tanto daquele que oferece o serviço quanto daquele que o compra), o produto vendido é o elo entre o vendedor e o consumidor e, por essa razão, o centro da relação comercial, de igual maneira no que se refere à EAD (e a todos os tipos de curso, de um modo geral), o produto vendido (a saber, o “ensino”) ocupa posição central, já que a ele são associados valores como sucesso, conquista profissional, estabilidade emocional e financeira, frutos da formação intelectual e acadêmica oferecidas por ele, os quais, por sua vez, promovem a garantia de uma vida segura e bem-sucedida. O efeito é o de que o sujeito escolheu, consciente e deliberadamente por vontade própria, comprar aquele carro ou fazer aquele curso devido à utilidade e à necessidade “naturalmente” relacionadas a eles. É a interpelação do indivíduo em sujeito-consumidor pelo Sujeito (o Mercado) que faz com que o indivíduo, assujeitando-se à formação social do capitalismo, se torne um sujeito para “livremente” tomar as iniciativas que considerar necessárias através da aquisição de bens e serviços.

Para referir-me, portanto, à situação focalizada acima em que o “ensino”, visto — particularmente nessa circunstância, como explicado no parágrafo anterior — como “produto”, ocupa a posição central do processo educativo, por analogia com a atual sociedade capitalista neoliberalista, em que o produto é o centro da relação mercadológica, utilizo o termo, por mim cunhado, “proioncentrismo”. A exemplo dos termos “teocentrismo” e “antropocentrismo”, cuja etimologia vem do grego *theós*, que significa “Deus”, e *ánthropos*, “homem”, respectivamente, busquei a etimologia de “proioncentrismo” também no grego, em que *proión* significa “produto”. Assim, a escolha do termo justifica-se por dois motivos: primeiro, por expressar a ideia de que o produto ocupa uma posição de centralidade em relação a todo o universo — no caso, no que se refere tanto ao “universo escolar” (especificamente ao universo sistêmico da EAD), envolvendo, portanto, as relações presumidas em todo o processo de ensino e aprendizagem, quanto ao universo social de modo geral (implicadas aí, sobretudo, as relações mercadológicas, que, como vimos, subsumem as relações pedagógicas nos dias atuais) —, seja como um eixo ou núcleo em torno do qual estão situadas espacialmente todas as coisas, seja como uma finalidade última, objetivo a que visam todas as ações humanas.

E segundo, porque o termo também guarda a relação filosófica de “criador/criatura”, como na relação “teocentrismo → antropocentrismo”, em que, historicamente falando, a filosofia dominante na Idade Média era o “teocentrismo”, teoria segundo a qual Deus é o centro do universo, portanto uma teoria que tem no “criador” a sua figura mais importante, para somente depois, no Renascimento, surgir o “antropocentrismo”, ideologia, ou doutrina, de acordo com a qual o homem é o centro do universo, postulando que tudo o que existe foi concebido e desenvolvido para a satisfação humana. Segundo essa filosofia, a “criatura”, ou seja, o homem, é colocada em primeiro plano. Nessa mesma proporção, surge, então, o “proioncentrismo” (antropocentrismo → proioncentrismo), em que, também seguindo uma ordem cronológica, a filosofia que tem no homem (agora na posição de criador com relação ao produto) a figura central, o antropocentrismo, surgida no Classicismo, é substituída por aquela que concebe o produto (no caso, a criatura) como o objetivo e o sentido de todas as coisas, chamada de “proioncentrismo”, própria do modo de vida da Pós-modernidade.

Essa visão “proioncêntrica” da realidade, em que “a batuta e também a voz cantante em nosso mundo ‘globalizado’ correspondem ao ‘objeto’, à mercadoria que impõe suas condições” (BRAUNSTEIN, 2010, p. 155), acaba por transformar tudo e todos em mercadorias, produzidas em série para serem consumidas em série. Ora, para que se justifique uma produção em massa, impõe-se que haja igualmente uma demanda em massa. E, para que haja uma identificação em massa, é necessário que as subjetividades também sejam coletivas, as quais, para Guattari (2013, p. 37), “não são resultado do somatório de subjetividades individuais, mas sim do confronto com as maneiras com que, hoje, se fabrica a subjetividade em escala planetária”. A esse respeito, é interessante a observação de Braunstein (2010, p. 162): “Em que se parecem os integrantes da massa?”

Em que todos querem ser diferentes e reconhecidos como tais”. Compreende-se, assim, o fenômeno das identificações digitais em massa, tão comuns em nossos dias. É o que acontece, por exemplo, no caso da educação a distância, em que os discursos praticamente se reproduzem nos fóruns de discussão. As opiniões, salvo uma ou outra exceção, geralmente são semelhantes e chegam até a ser repetitivas, o que acaba gerando uma certa identificação do grupo, materializadas nas sequências discursivas da interlocução analisada a seguir.

3 | A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA: O PROFESSOR MEDIADOR

Nesta interlocução, as representações do professor como “mediador” e “orientador” parecem ser uma unanimidade entre os interlocutores, o que não impede, entretanto, que aflorem, na cadeia discursiva, dizeres contraditórios que deslocam o sujeito para outras posições dentro do discurso.

Numa primeira leitura, percebe-se, pela recorrência de construções parafrásticas, que a ideia de “mudança do papel do professor” é a tônica desta interlocução, iniciada pelo dizer de **P3**:

P3 – T1 O que já está mudando é a visão de que o professor é o responsável por tudo, pela formação do aluno, o professor aparece como facilitador [...].

O trecho contrapõe duas representações do professor, em que a segunda, qual seja, a do “professor facilitador”, surge como a “nova”, a que sucede a do professor “responsável por tudo, pela formação do aluno”, que seria a do “professor tradicional”. Nessa lógica, a tradição não é vista como algo a ser valorizado, devendo, portanto, ser superado, transformado, ideia que se deduz do dizer de **P11** abaixo, ao corroborar o dizer anterior de **P3** no que se refere à mudança do papel do professor:

P11 – T1 Realmente P3 e P10, o papel do professor hoje passa por uma grande transformação, na qual ele assume uma postura mediadora, que permite ao aluno construir seu próprio conhecimento, entretanto nem todos estão preparados para se enxergar nessa nova visão do papel docente, ainda enfrentamos bastante resistência de profissionais que, infelizmente, acreditam que são os transmissores do conhecimento e não mediadores.

“Permitir ao aluno construir o próprio conhecimento”, ação atribuída no dizer de **P11** ao professor mediador, parece ser a nova palavra de ordem, e não aceitar isso é negar a própria função docente, ideia resvalada na formulação “entretanto nem todos estão preparados para se enxergar nessa nova visão do papel docente”, que, em forma de oração adversativa, coloca o sujeito enunciador na posição de professor mediador e o distingue dos que ainda não se identificam com essa nova função. Considerando-se as condições de produção desse dizer, a saber, a posição de sujeito-aluno participando de

um fórum de discussão que funciona como uma atividade para avaliação de um curso a distância, a crítica à postura docente que se nega a assumir um papel de mediador atende, supostamente, às expectativas do avaliador, o que explicaria o fato de essa ideia encontrar-se assim materializada linguisticamente. E essa posição é reforçada pelo trecho posterior, que encerra a sequência discursiva acima: “ainda enfrentamos bastante resistência de profissionais que, infelizmente, acreditam que são os transmissores do conhecimento e não mediadores”. Pelo emprego do pronome pessoal da primeira pessoa do plural, criam-se dois grupos de sujeitos-professores: “nós”, ou seja, os professores mediadores, que, portanto, mudaram a sua postura docente, grupo no qual o sujeito enunciador parece se incluir, e “eles”, os profissionais “resistentes”, que se negam a ser mediadores porque se acreditam transmissores do conhecimento, traço que os colocaria numa posição negativa em relação ao primeiro grupo, ideia deduzida pelo emprego do advérbio “infelizmente”. Assim colocadas, essas representações não só parecem ser diferentes como também incompatíveis e excludentes: ou se é mediador ou se é transmissor de conhecimento. Dessa forma, aflora, na cadeia discursiva, o desconhecimento da heterogeneidade constitutiva do sujeito e a crença no controle total das suas ações. Nesses termos, ser professor é saber agir segundo essa nova palavra de ordem, e resistir a isso é afastar-se dessa “verdadeira” representação de professor. Neste momento, cabe a proposição de Foucault ([1979] 1998, p. 14) a respeito do que vem a ser “verdade”:

Por “verdade”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade.

Nesse sentido, os discursos que circulam nos ambientes virtuais de aprendizagem, como é o caso desses comentários retirados de um fórum de discussão em circulação na internet, também podem ser vistos como regimes de verdade, se se considerar, como Gore (1994, pp. 10 e 11), que

discursos alternativos ou competidores, embora tendo que funcionar no contexto dessa política geral de verdade na educação, constroem suas próprias versões de verdade, suas próprias versões daquilo que conta, de quem está autorizado a falar. Isto é, eles também podem ser vistos como regimes de verdade.

E esses dizeres dos professores-alunos que compõem esta interlocução evocam o discurso da mediação pedagógica e das novas tecnologias na educação, tão difundido pelos teóricos dessa área, como o que segue:

O professor assume uma nova atitude. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, o mais das vezes ele vai atuar como orientador

das atividades do aluno, consultor, facilitador, planejador e dinamizador de situações de aprendizagem, trabalhando em equipe com o aluno e buscando os mesmos objetivos. Em resumo: ele vai desenvolver o papel de mediador pedagógico (MASETTO, 2013, p. 142).

Daí esse discurso do professor como mediador do conhecimento — em que o protagonista do processo de ensino e aprendizagem se desloca para a figura do aluno, tendo se originado, na verdade, na e para a sala de aula presencial com a teoria de Vygotsky ([1934] 2005) — ter ganhado força e se expandido exponencialmente na modalidade a distância. Se se levar em consideração que a presença física do professor nessa situação de interlocução é algo irremediavelmente inviável, torna-se bastante compreensível por que essa “nova” representação do professor se constitui como uma verdade no discurso da EAD, materializada nos dizeres dos interlocutores, como no de **P12**:

P12 – T1 Mas esse papel do professor como mediador já vem mudando faz tempo. Não se aceitam mais aulas onde o professor é o único a transmitir conhecimentos.

Para corroborar a ideia da mudança, **P12** alega, em forma de voz passiva, que “aulas onde o professor é o único a transmitir conhecimentos não são mais aceitas”. Por quem? Pelos próprios professores? Pelos alunos? Pela coordenação pedagógica? Pelos pais? E o que significa efetivamente não se aceitarem mais aulas assim? Significa que elas não existem mais de fato, deixaram de ser praticadas em sala de aula, ou que elas existem e, por essa razão, são condenadas? Ao mesmo tempo em que o sujeito tenta delimitar o sentido, controlar os efeitos do seu dizer, ele expõe, ainda que num nível inconsciente, essa multiplicidade de sentidos que se entrecruzam, pois a elipse do agente da passiva, ao deixar em aberto a identificação desse termo, aponta para várias e imbricadas redes de sentido. Dizer que o professor não aceita mais aulas em que ele próprio é o único a transmitir conhecimentos não é o mesmo que dizer que os alunos é quem não aceitam mais essa situação. Na primeira hipótese, por exemplo, o professor ocupa uma posição de autonomia com relação ao seu fazer pedagógico, a qual, uma vez explícita pelo próprio professor, poderia soar até como um ato de rebeldia ou insubordinação perante a coordenação pedagógica; já na segunda, ele passa inversamente a uma situação de dependência com relação ao aluno, e isso certamente tem consequências para a sua imagem perante não só os alunos como também a coordenação pedagógica e os pais. O mesmo se pode pensar nas outras hipóteses aventadas acima com relação à mudança do agente da passiva. Em cada uma delas, a imagem do professor sofrerá uma alteração, que pode tanto projetá-la socialmente quanto colocá-la numa posição de inferioridade e desvantagem. Assim, a omissão do agente da passiva — admitindo-se tanto a possibilidade de não ter sido intencional, quanto a de ter sido fruto de uma atitude deliberada por parte do sujeito enunciativo — não é gratuita e suscita uma gama variada de efeitos de sentido, que se esconde sob uma suposta transparência da linguagem.

No entanto, privilegia-se, no plano discursivo, pela reiteração de um dizer nesta interlocução do fórum de discussão, um “modelo” de aula e de professor em detrimento de outro, o que produz o efeito de pertencimento a um grupo, de existência de uma “nova” identidade fixa e imutável, o que a tornaria, portanto, facilmente reconhecível entre seus pares. Isso porque, como afirma Bauman (2005, p. 83 e 84), “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado...”. Daí talvez esse dizer que ecoa nos diversos dizeres desta interlocução como que fundamentando a posição discursiva assumida. Sendo a ideologia a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, posto que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (ORLANDI, 2000, p. 46), reforça-se um sentido como que para garantir sua suposta transparência, mas, ao funcionar pela ideologia e pelo inconsciente, o sujeito discursivo é como que “traído” pelo próprio dizer ao aflorarem, na cadeia discursiva, denunciando a heterogeneidade constitutiva, outros dizeres, os quais, enfim, colocam-no numa posição contraditória, como é o caso de P14, em seu dizer a seguir:

P14 – T1 É isso mesmo, o papel do professor mudou totalmente. [...] Mas o papel do professor deve o mediador [sic] entre o aluno e esta informação massificada da internet, ou seja, ele tem o papel de orientar o aluno em como usar esta facilidade, extrair o máximo, filtrar o que não presta, enfim utilizá-la como parceira, mas que ela não seja a fonte do conhecimento, e sim, que continue sendo o professor.

Ao concordar com os seus interlocutores no que se refere à mudança do papel do professor, que, segundo o sujeito enunciador desse dizer, deve agir como “o mediador entre o aluno e a informação massificada da internet”, no desdobramento do seu dizer pela duplicação da formulação em “ou seja, ele tem o papel de orientar o aluno em como usar esta facilidade, extrair o máximo, filtrar o que não presta, enfim utilizá-la como parceira, mas que ela não seja a fonte do conhecimento, e sim, **que continue sendo o professor.**”, P14 parece assumir, a despeito de sua opinião sobre a mudança do papel do professor, a posição discursiva de professor tradicional, pois afirma que este deve continuar sendo a fonte do conhecimento, não delegando esse papel à *internet*. Sob a aparente unicidade da cadeia discursiva, o outro é inscrito no fio do dizer por meio de uma marca da heterogeneidade mostrada, qual seja, a que Authier-Revuz (1990, p. 30) classifica como *autonímia simples*, por haver uma ruptura sintática na linearidade da cadeia pela inserção do termo *ou seja*. A esse respeito, é elucidativa a explicação da linguista (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 134): “É o caráter ‘normal’, ‘óbvio’, *um*, do emprego de uma palavra-instrumento transparente que está suspenso pela modalidade autonímica: a ‘alteração’ local da transparência indica que, neste ponto de seu dizer, o enunciador encontra ‘*outro*’”. No caso do dizer analisado, o outro é o que o sujeito tenta negar, mas que, justamente por esse motivo, emerge na cadeia discursiva, evocando o discurso outro, pois, como se sabe, ser a “fonte do conhecimento” não é um atributo próprio de professor mediador; pelo contrário, é desempenhar a função

de protagonista do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, de transmissor do conhecimento — papel amplamente criticado nesta interlocução, restando ao aluno ocupar uma posição passiva, de receptor da informação.

Aliás, ao se lerem as sequências discursivas que compõem esta interlocução, a impressão que se tem é a de que todas elas correspondem, na verdade, ao dizer de um único sujeito enunciador, tamanha a semelhança entre elas no que diz respeito à representação do professor: todos, impreterivelmente, são unânimes em afirmar que o papel do professor é ser “mediador”, com pequenas variações como “facilitador” e “orientador”, cujos sentidos, no contexto digital de educação a distância, se entrelaçam. Não há sequer um professor-aluno que discorde desse ponto de vista. Afora a circunstância de avaliação para a qual foi formado esse fórum de discussão, o fato mesmo de esses comentários estarem postados num ambiente virtual já interfere na sua formulação. A inscrição de um sujeito-aluno-internauta não é a mesma da de um sujeito-aluno-presencial. Os dispositivos que determinam o modo de subjetivação no contexto digital são diferentes dos empreendidos no contexto empírico, de modo que a maneira como o sujeito se comporta num ambiente empírico é diferente da maneira como esse mesmo sujeito “se comporta” no ambiente virtual.

Por exemplo, é comum e até “natural” se deparar com *selfies* no *facebook*, nas quais, embora se retratem pessoas distintas, estas fazem poses e expressões faciais que se repetem. É o caso, por exemplo, das chamadas *duck face*, ou cara de pato, em que a pessoa faz uma cara engraçada mandando beijinho. Não só o tipo de foto se repete, mas também as legendas que as acompanham reproduzem estruturas sintáticas semelhantes, que remetem a essa condição de produção específica.

À semelhança do que acontece nas redes sociais, o modo de subjetivação da EAD, conquanto se refira a um ambiente com propósitos acadêmico-pedagógicos, parece se basear nessa mesma repetição facilmente identificável em outras situações enunciativas mediadas pela *internet*. Ao priorizar as representações coletivas, o sujeito-consumidor (que é também o aluno-internauta, que paga o curso em EAD, cujo produto oferecido é o ensino, garantido por um certificado) produzirá os significantes mestres que o representarão. Disso decorre que todos que se encontram nessa mesma situação passam a ter a mesma opinião, cujo efeito é o da identificação. Acreditando expressar a “sua” opinião, o professor-aluno reproduz uma opinião coletiva, construída discursivamente e tida como “verdadeira”. Até porque todos “pertencem” a um mesmo grupo, “logo” ter a mesma opinião é mais do que esperado, efeito de sentido das comunidades virtuais.

Esse modo de subjetivação que não promove a singularidade, próprio da sociedade pós-moderna de consumo, é efeito justamente da visão proioncêntrica, que tem na mercadoria o elemento central; a consequência, em termos gerais, é a produção de sujeitos cada vez mais semelhantes, tal qual mercadorias, produzidas em série para serem consumidas e descartadas em série. Isso é “o que faz a sociedade de consumo”, como

diz Orlandi (2012, p. 221), “com o indivíduo: perda de singularidade, de criatividade, de imaginação, a consciência de si”.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se do princípio de que o sujeito “não está dado, mas se constitui nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos” (MANSANO, 2009), a heterogeneidade do sujeito-professor em situação de educação a distância é um reflexo desse momento histórico pelo qual passa o ambiente escolar de virtualização dos sujeitos pela mediação tecnológica do processo de ensino e aprendizagem. Resultado dessa confluência de acontecimentos em que se entrecruzam experiências conhecidas, porque já vividas, e experiências em construção, proporcionadas pelos recursos tecnológicos utilizados na educação, o sujeito-professor tampouco é um sujeito acabado que tem adicionadas a uma suposta “essência” características que o classificariam como “a” ou “b”. Nessa perspectiva, não se pode pensar numa identidade fixa e imutável, mas numa arena de vozes em que ora algumas delas são mais fortemente ouvidas, ora aquelas que estavam abafadas se fazem ouvir, mesmo que à revelia do sujeito, conferindo-lhe contornos mais ou menos estáveis, conforme as forças atuantes sobre elas.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celane M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP(19): 25-42, jul./dez.1990.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAUNSTEIN, N.A. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? **A peste**. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan./jun. 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1979] 1998.

GORE, J.M. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: SILVA, T.T. (org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 9 – 20.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.S.; SCHONS, C.R. (org.) **Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: Ed. Universitária - UFPE, 2011, p. 47-78.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MANSANO, S.R.V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**. 8(2), 2009, p. 110-117.

MASETTO, M.T. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. (org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013, p. 141 – 171.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6ª ed. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambientes Virtuais de Aprendizagem 131, 132, 135, 139

Aprendizagem 24, 29, 32, 41, 60, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 124, 125, 126, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 156, 158, 159, 162, 163, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202

B

Bakhtin 12, 21, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 160, 163

Blogs 47, 121

D

Discurso 1, 2, 3, 43, 46, 47, 51, 53, 55, 57, 58, 68, 70, 81, 83, 86, 90, 91, 96, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 119, 121, 122, 123, 129, 130, 140, 179, 180, 186, 189, 190

Discurso Jurídico 57, 70, 72, 73, 81

Discurso Médico 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

E

Ensino Médio 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 112, 114, 119, 141, 142, 143, 144, 146, 148, 149, 150, 153, 156, 157, 161, 168, 169, 176

Escola 4, 25, 26, 33, 34, 37, 39, 41, 115, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 153, 156, 157, 158, 160, 167, 168, 169, 170, 171, 177, 208, 214

Estrutura 2, 2, 7, 8, 9, 19, 25, 33, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 66, 79, 90, 91, 101, 105, 117, 123, 160, 163, 178, 181, 192, 193, 196, 199, 202, 204, 206, 209

F

Fonoaudiologia 101, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

G

Gênero Textual 24, 73

Gramática 9, 11, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 28, 31, 32, 33, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 79, 80, 161, 184, 196, 197

I

Identidade 1, 7, 8, 13, 49, 100, 137, 139, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 214

Ideologia 3, 4, 5, 43, 44, 45, 46, 52, 54, 55, 56, 58, 64, 66, 72, 83, 91, 106, 109, 122, 123,

129, 133, 137, 140, 183

L

Letras 2, 16, 21, 24, 62, 89, 90, 97, 100, 119, 130, 141, 143, 157, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 190, 199, 207, 214

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213

Língua Inglesa 111, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 171, 181, 182, 184, 187, 189

Linguística 2, 2, 11, 19, 21, 22, 23, 33, 43, 48, 70, 71, 73, 76, 79, 81, 90, 91, 101, 105, 112, 115, 116, 121, 122, 123, 129, 163, 179, 180, 185, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 203, 206, 214

Literatura 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 40, 119, 168, 170, 214

Livros Didáticos 24, 25, 26, 27, 29, 183

Ludicidade 6, 159, 160, 161, 162, 163

M

Memória 1, 2, 3, 9, 53, 65, 67, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 115, 117, 123, 181, 184, 199, 210

N

Novas Tecnologias 44, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 129, 135, 140, 144, 151, 152, 153

P

Pronome 10, 13, 17, 18, 20, 21, 127, 135

S

Sociolinguística 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Sujeito 1, 3, 4, 5, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 79, 91, 94, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 115, 117, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 159, 181, 189, 206

Surdo 191, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 